



4º Encontro Regional das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio

Juventudes do Campo, unindo Amazônia e Cerrado, Semeando Resistência!



Carta à sociedade: NOSSAS VIDAS JOVENS A SERVIÇO DA VIDA

Somos juventudes camponesas, com culturas e tradições e ricas identidades, recebidas dos nossos ancestrais: quebradeiras de coco, quilombolas, posseiros, assentados, acampados, todos lutadores da terra e na terra. Com 140 participantes, vindos do Tocantins, Maranhão e Pará, reunimo-nos nestes dias 27 a 30 de julho de 2022, na Escola Família Agrícola Padre Josimo, em Esperantina, TO.

Somos **filhos e filhas da terra, localizados em territórios do Cerrado e da Amazônia neste Bico do Papagaio, dois biomas que são violentados a cada dia pela cobiça do agronegócio e do latifúndio.**

Além de roubar nossas terras, ancestrais ou conquistadas, estão **destruindo nossas florestas, queimando e desmatando, envenenando** nossas águas e nosso ar, despejando venenos sem limites, causando assim doenças à população e **ameaçando a reprodução da fauna e da flora, asfixiando cada vez mais o planeta e comprometendo a vida das gerações futuras.**

Não podemos tolerar mais a liberação geral de todo e qualquer agrotóxico e a pulverização aérea praticada de forma criminosa sobre nossos territórios e povoados. Este é um resultado do **desmonte dos órgãos de fiscalização ambiental**, o qual também tem provocado aumento das queimadas, do desmatamento em nossas florestas e envenenamento dos babaquais.

Longe de oferecer o alimento prometido à nossa população, a expansão das fronteiras agrícolas pelo **agronegócio vem gerando fome, desemprego, trabalho escravo, expulsa o povo da terra para as periferias e concentra a propriedade.** Nada de “pop”! “O agro”, sim, é fogo e morte.

Denunciamos e repudiamos o retorno do Brasil ao mapa da fome neste governo Bolsonaro, hoje com 33 milhões de brasileiros passando fome.

Como juventudes do campo, **repudiamos o racismo**, a negação da igualdade e a injúria racial sempre praticada por conta da cor da pele, as calúnias e o massacre da juventude negra. Como juventudes majoritariamente negras [8 em cada 10 jovens do Bico se declaram negros ou pardos], defendemos o livre exercício dos nossos direitos, exigindo igualdade, respeito, justiça diante dos massacres, e liberdade para mostrar sem medo nossa identidade, igual a qualquer outro ser humano. Acreditamos sim: **“Vidas negras importam!”**.

No Brasil o racismo é uma **herança maldita, de séculos de escravagismo** oficial, uma prática que se tornou normal de tão institucionalizada que ela é. A prática do racismo é baseada na discriminação, trazendo desvantagens para uns e privilégios para outros, levando à violência não só verbal e mental como física e moral. Aqui a conta do racismo pode se resumir assim: três em cada quatro vítimas de violação de direitos são negras, seja na violência e matança policial, no encarceramento, no trabalho escravo, no assassinato de jovens e mulheres ou ainda no desemprego ou na morte prematura, inclusive durante essa pandemia.

Ainda ficamos presos a um processo violento que se usa de muito preconceito e discriminação e acaba matando quem ousa se levantar para defender o direito sagrado à vida: **quantos assassinatos de jovens, de lideranças não ocorreram, especialmente entre os defensores da terra e dos direitos?**

O capitalismo tem mantido sua ofensiva contra a classe trabalhadora e seus sujeitos, vinculando a dominação de classe não apenas com a opressão de gênero, a discriminação étnica e a violência racial, mas também impondo uma hierarquização entre as pessoas e **conferindo um poder a elites masculinas, ricas, brancas e geralmente heterossexuais.**

Somos **o país que mais mata pessoas LGBTQIA+**. Para além de um escândalo moral, isso tem por trás motivações políticas, econômicas e culturais bem enraizadas. Nós juventudes rurais do Bico do Papagaio, repudiamos toda forma de **opressão, violência e lgbtfofia.**

Não podemos continuar vivendo num mundo onde quem apresenta diferença por questão de gênero, raça ou orientação sexual tem sua existência ameaçada: em vez de viver, tem que tentar sobreviver, sobreviver ao ódio, sobreviver à violência, à falta de coragem e de amor, sobreviver a discursos que ameacem de matar. O que se mata assim é o amor à diversidade e a **coragem de podermos nos mostrar tais como somos**.

O sangue LGBT também é sangue da terra! **Acreditamos sim: Vidas LGBTQIA+ também importam!**

Repudiamos o pensamento fascista que alimenta a intolerância e o ódio, um pensamento que mata, e que foi crescendo sob este governo e se consolidou com a ampliação de políticas armamentistas. Repudiamos a mentirosa utilização da palavra de Deus para tentar justificar violência e ódio e a atuação mortífera de uma **aliança diabólica conhecida como BBB** (os 3 B): boi, bala e bíblia. Inclusive com direito à bancada no Congresso.

Repudiamos ainda uma **comunicação de massa que aliena nosso povo**, espalha mentiras e fake news, invisibiliza as nossas diversidades e nossas lutas.

Orgulhosos do legado que recebemos dos nossos pais, e entendendo que **Terra, Teto e Trabalho para todos (os 3 T)** são o horizonte pelo qual devemos lutar, nós jovens do campo queremos construir para nós e para nossos filhos e filhas um mundo respirável onde o direito de cada um e cada uma é reconhecido e respeitado na sua diferença.

Isso começa na **família** e continua na **comunidade** e na **sociedade: queremos ter voz e vez** em cada um desses espaços. Especialmente defendemos o **direito a uma educação** de qualidade, acessível a todos nós. Defendemos que seja realmente posta em prática uma **reforma agrária** embasada no **acesso à terra** para quem dela precisa, na proteção das comunidades dentro dos seus territórios, na devolução dos territórios a quem foi despejado, e uma política agrícola guiada pelos princípios da **agroecologia**.

A **agroecologia** propõe uma agricultura sustentável que **gera preservação, diversidade e segurança alimentar**. A agroecologia garante autonomia familiar, pois com ela temos o controle das nossas sementes e guardamos como nossa a responsabilidade e a decisão do que produzir e comer, e temos a garantia de oferecer à sociedade alimentos saudáveis.

Como juventudes camponesas, **temos resistido em nossos territórios**, organizando-nos em coletivos, implantando [entre outros] sistemas agroflorestais, roças diversificadas, hortas, artesanatos, bancos de sementes e formas diversificadas de aproveitamento do babaçu, tanto para consumo da família quanto para geração de renda.

Apoiamos a construção de uma Reforma Agrária popular, com fortalecimento da agricultura familiar e foco na agroecologia. Queremos a volta das políticas de segurança e soberania alimentar, como forma de combater a fome que hoje assola de novo milhões de brasileiros.

Exigimos o fortalecimento da **Educação do Campo** tendo em vista tanto a estrutura das escolas, o transporte, a formação dos professores, a destinação dos recursos. Exigimos a reestruturação das Políticas Públicas educacionais para as juventudes em seus diferentes espaços com garantia de orçamentos adequados.

Exigimos o respeito à vida da pessoa humana, especialmente dos militantes das causas populares.

Queremos que sejam priorizadas e devidamente apoiadas por políticas públicas as práticas de comunicação popular e sejam reativados os espaços de diálogo que foram cancelados ou esvaziados.

Como jovens, defendemos e nos dispomos a contribuir para um **diálogo construtivo entre as gerações**. Sonhamos com uma sociedade onde reinem a justiça e o direito para todas e todos. Esta é a condição para uma paz verdadeira.

No contexto da política, enquanto juventudes do campo, primeiramente **queremos nos engajar na defesa e promoção da democracia** em nosso país: **não admitimos qualquer ameaça ao curso normal das eleições e temos consciência da importância do nosso voto. Queremos candidatos também comprometidos com a democracia, e com a defesa de pautas que, para nós, são prioritárias**: terra, agroecologia, educação do campo, trabalho e moradia digna, alimentação saudável para todos, fim das discriminações por raça, gênero ou diferença de orientação sexual.

Em síntese: a serviço da vida colocamos nossas vidas. Semeando resistência, a serviço da vida escolheremos o futuro do Brasil.